

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O RESGATE DA MEMÓRIA DO IDOSO

Pablo Tiago Silva (G- UEMS)
Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

RESUMO

O presente trabalho trata do projeto de extensão *Contação de Histórias: o resgate da memória do idoso*, o qual é voltado para os idosos do Lar Santo Agostinho, em Paranaíba-MS. São realizadas visitas que consistem em trocas de experiências, com o fim de compartilharem conosco suas histórias de vida. São realizadas as gravações, transcrições e retextualizações de suas experiências, além de propiciar-lhes tardes de recreação e entretenimento fundamentadas na afetividade e interação, já que o idoso vive em uma sociedade que o exclui e não acredita em sua capacidade, abandonando-o ao descaso. Destarte, é essencial que a visão da sociedade seja modificada. Deve-se mostrar que o idoso tem força e voz, podendo contribuir, significativamente, para a comunidade, pois possui vasto conhecimento das funções sociais. Portanto, por meio das gravações conhecemos cada vida presente no asilo, para que, posteriormente, se faça um acervo memorial com todas as histórias coletadas.

Palavras-chave: Idoso. Contação de histórias. Troca de experiências. Entretenimento.

Introdução

Cumprir informar que o presente trabalho é fruto do projeto de extensão *Contação de Histórias: o resgate da memória do idoso*, do PIBEX/PROEC.

Esse projeto nasceu da necessidade de se discutir o ser humano em sua fase mais tardia da vida. Isso porque o ser humano aparenta se preocupar com as questões relacionadas aos direitos humanos, a tratar seus semelhantes com igualdade e dignidade, no entanto, sabemos que tais pressupostos ficam muito na teoria, não se efetivando na prática. Portanto, em cursos com fundamentos humanistas como, por exemplo, Direito, Pedagogia, Ciências Sociais, espera-se que sejam capazes de formar profissionais aptos a lidar com as demandas sociais e, logo, presumem-se atitudes de caráter extremamente igualitário, de uma luta por dignidade, de profissionais éticos, sensíveis às necessidades dos seres humanos, que atendam e compreendam a comunidade de forma satisfatória.

Todavia, não somente tais cursos devem formar seres humanos em si, mas sim a humanidade deve criar e multiplicar, de fato, um “ser” um pouco mais “humano”, aquele que seja capaz de entender as diferenças, e de saber que estas não constituem motivo para que uma camada social diferente daquela a que pertença seja flagelada.

No entanto, o que ocorre é que a graduação e mesmo a própria vida nem sempre formam as pessoas para terem uma atitude humana. Inúmeras vezes, criam-se apenas robôs que não sabem pensar ou agir com sabedoria e respeito, é apenas massa popular insignificante perante aqueles que se preocupam com o viver do próximo e não somente com a situação que lhes for mais conveniente.

Ressalta-se que o idoso é uma pessoa que muito contribuiu e ainda pode contribuir para com a comunidade, cumpre sua função social, transmitindo todo seu conhecimento e sabedoria, mesmo que popular. Dessa maneira, são pessoas que fazem parte concreta de nossa história. Em sendo assim, devido a uma distorção desse pensamento, alguns acreditam que, por já terem cumprido sua função, nada mais tem a acrescentar, sendo, pois, abandonados em instituições de repouso, na maioria das vezes pela própria família, por se cansar dos cuidados

extras que a idade avançada exige, achando mais fácil deixá-los aos cuidados de outrem, deixando suas preocupações nas mãos de terceiros. Dessa maneira, ao se verem “livres” dos idosos se sentem aliviados por não mais terem que despender seu precioso tempo no cuidado diário que sua saúde frágil necessita.

Sendo assim, é de suma importância desenvolver projetos como o que aqui trataremos, que procuram dar vez e voz a camada mais idosa da população, conscientizar a sociedade sobre os direitos dos idosos e de sua importância para a comunidade, ou seja, levar a população a refletir sobre a contribuição que esses indivíduos já deram e ainda dão ao mundo. Além de propiciar aos idosos momentos de interação, oportunidade em que são ouvidos, entendidos, recebem afeto e toda a atenção de que tanto carecem.

1. O idoso na contemporaneidade e sua condição perante a sociedade

Atualmente, existe a situação do velho em nosso ordenamento jurídico, regulada pelo Estatuto do Idoso, responsável por protegê-lo e garantir seus direitos. Este Estatuto foi elaborado com a participação das entidades interessadas na defesa do idoso, tratando de vários quesitos de sua vida, como os seus direitos fundamentais e, inclusive, o estabelecimento de penas para os crimes mais banais cometidos contra estas pessoas.

Dessa maneira, é importante ressaltar que no Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, é considerado “idoso” aqueles que possuem idade igual ou superior a 60 anos. Entretanto, esse pensamento técnico é mais humanizado na concepção de alguns autores, como, por exemplo, Deusivania Vieira da Silva Falcão e Ludgleydson Fernandes de Araújo, os quais afirmam que

[...] o envelhecimento se caracteriza, portanto, como um tempo de exposição a acontecimentos da vida e a transições, mas também como um tempo de implementação de estratégias de confrontação e de resolução de desafios, a partir das oportunidades e do potencial adaptativo que cada idoso possui. (2009, p. 120)

Atualmente vivenciamos uma triste realidade, já que encontramos pouquíssimas pessoas dispostas a trabalhar com idosos, que tentam compreendê-los, tratá-los com paciência e afeto, pois são seres humanos como todos nós e, assim, precisam de carinho e atenção, em sua maioria em uma quantidade muito maior ao comum, já que vivem em uma sociedade exclusiva e excludente, que não lhes dão o valor que merecem e esquecem que já doaram uma vida de trabalho, sendo extremamente úteis à sociedade.

Todavia, esta sociedade insiste em ignorá-los, age como se simplesmente não existissem, como se fossem uma situação que não precisamos lidar e achar uma solução que os faça sentir parte integrante da comunidade. Contudo, são colocados de lado, a sociedade fecha os olhos para a triste realidade que vivemos, não dando aos seus antepassados o devido valor que merecem.

Em sendo assim, a sociedade acostumou-se com o isolamento do idoso, que este é frágil, debilitado, um peso social, e acredita que o idoso não possui meios de contribuir para com a comunidade. Por isso, torna-se cúmplice das mazelas provocadas, do abandono, da falta de respeito e da degradação, o que contribui para a difusão de uma cultura de violência e descrença. Seguindo esse pensamento, Elisabeth Maria Sene Costa aduz que

[...] a sociedade não o vê e não o aceita como alguém prudente; a família, muitas vezes, o rejeita; os mais novos se cansam da nostalgia que suas palavras transmitem [...] Nostalgia essa que se encontra presente no próprio idoso, devido ao preconceito, a falta de respeito, os maus-tratos. (1998, p. 19)

Contudo, não podemos acobertar o fato de que os próprios idosos favorecem a sua estigmatização, já que, com a perda de seu vigor físico, após a aposentadoria, dentre outros aspectos, faz com que eles criem um sentimento de inutilidade, enclausuramento, depressão, dentre inúmeros outros.

Dessa forma, param de acreditar em si mesmos e se conformam com o que a sociedade estipula ser melhor para a sua vida, acomodam-se com o descaso, o flagelo e a violência. Nesse sentido, de acordo com Paulo Roberto Barbosa Ramos, autor do artigo “Rede de Proteção ao Idoso”, as violências contra idosos se manifestam de forma:

(a) estrutural, aquela que ocorre pela desigualdade social e é naturalizada nas manifestações de pobreza, de miséria e de discriminação; (b) interpessoal, que se refere às interações e relações cotidianas; e (c) institucional, que diz respeito à aplicação ou à omissão na gestão das políticas sociais e pelas instituições de assistência.

Logo, observamos que muitas vezes a própria família, a qual é quem deveria exercer sem questionamentos o papel de “cuidadora” do idoso, é a responsável por desconsiderar a importância do idoso, é ela a principal fonte do taxativo pensamento que ronda a velhice, é a família que lota os asilos, abandonando seus familiares por não terem a pré-disposição para o cuidado necessário com eles, para lhes garantir atenção, afeto. Assim, de acordo com Silvia Maria Azevedo dos Santos

A sobrecarga ocasionada pela sobreposição de tarefas, responsabilidades e, em alguns casos, relações familiares conturbadas e tensas devido à pouca colaboração dos seus membros, eram outros fatores que comprometiam o bem-estar físico, psicológico e emocional de muitos cuidadores. Somam-se a isso as dificuldades financeiras, a falta de uma rede de suporte social e de saúde adequados, a necessidade de corresponder às expectativas socioculturais e o grau de auto-exigência com relação ao desempenho das tarefas inerentes. (2006, p.211)

Dessa forma, os jogam onde for mais cômodo para prosseguirem as próprias vidas, sem mesmo se importar com o futuro daqueles que, devido ao seu passado grandioso, tanto contribuíram com nosso presente e futuro.

Todavia, não podemos esquecer daquelas famílias que, de fato, cuidam de seus idosos e o tratam com todo respeito, afeto, e cuidado que necessitam. Em sendo assim, faz-se importante afirmar que, segundo Silvia Maria Azevedo dos Santos, no mundo todo, a grande maioria dos idosos é cuidada nos domicílios e pelos membros do grupo doméstico.

No geral, menos de 10% encontram-se institucionalizados, e esses percentuais só aumentam um pouco nas faixas etárias mais avançadas, dos 85 anos em diante (Bond, 1993; Hamilton, 1994; Dulcey-Ruiz, 1998; Asahara et. al., 1999; Who, 1999). O grande diferencial entre a realidade brasileira e os demais países é que, no Brasil, os cuidadores familiares que prestam cuidados aos idosos no contexto domiciliar o fazem sem contar com qualquer tipo de apoio do sistema formal de saúde ou de uma rede de suporte social, conforme já demonstrado em outras pesquisas (Ramos et al., 1993; Pelzer, 1993; Perracini, 1994; Diogo, 1997; Velásquez et al., 1998; Mendes, 1998; Caldas, 2000; Andrade, 2001; Yuaso, 2001; Alvarez, 2001 e Sommerhalder, 2001). (2006, p. 211).

Destarte, os problemas com a violência nas relações familiares geralmente surgem com o confronto de gerações, dificuldades financeiras e os confrontos de espaço físico, somado a um pensamento discriminador que considera o idoso como descartável. Logo, em razão desses fatores, muitos idosos começam a sofrer de depressão, sentimentos de culpa e

negação, vivem em estado de desesperança, alguns momentos ansiosos por deixarem suas casas, para não mais serem um “estorvo” na vida de suas famílias.

Muitos pensadores afirmam que os idosos não seriam mais “educáveis”. É o caso de Sigmund Freud (apud COSTA, 1998), o qual alega que por esse motivo e pelo fato de que muitos sofrem “distúrbios”, ou seja, declínios decorrentes do ambiente em que vivem, do estilo de vida que seguem, acarretando depressão, nostalgia, solidão, isolamento, negligências, abusos, discriminação, afastamento da família, abandono etc., não seria possível sua inserção na sociedade.

Entretanto, como já exposto, tal pensamento é completamente equivocado, já que não é porque estamos velhos que deixamos de ser mentes pensantes, que contribuimos para com nossa comunidade. Os idosos podem não ter a força física de outrora, mas suas ideias podem trabalhar tão perfeitamente como a de qualquer outro, não restando razões para que se possa convencê-los de que ele já cumpriu sua função social.

Com esse raciocínio, podemos abordar uma das questões mais discutidas quando se trata do tema “velhice”, que é sobre o que realmente é a idade. Uma pessoa pode ter 60 anos, mas considerar-se, interiormente, como tendo 25. Para Gonçalo Ramirez (apud COSTA, 1998), em uma única pessoa podemos encontrar diversas idades: “a psicológica (idade do espírito), a mental (idade do critério e do entendimento), a social (idade imposta pela comunidade), a cultural (idade dos conhecimentos), a econômica (idade dos recursos para satisfazer necessidades)”. No entanto, a que realmente possuímos é aquela que nos propomos a ter, a que sentimos em nossa alma.

Já para Capisano (apud COSTA, 1998), “[...] não existem fronteiras que delimitam o início da velhice. Um homem aos quarenta anos pode sentir-se estagnado, deprimido, sem capacidade criativa, enquanto outros aos setenta anos procuram tirar de si e do mundo em que vivem novas perspectivas de desenvolvimento”.

Tratando de forma mais específica quanto aos asilos, insta salientar que o Estatuto do Idoso enfatiza os cuidados para com o idoso como uma responsabilidade da família, considerando a opção das casas de abrigo apenas quando não houver outro meio. Ele visa assegurar aos idosos a preservação de sua saúde mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Porém, o que ocorre é apenas uma positivação dessa lei, e não a efetivação, existindo apenas para a população se sentir segura, já que necessita de tal sensação para, de certa forma, diminuir ainda mais sua preocupação/responsabilidade, pois, ao acreditar que o Estado protege o idoso, a população se acha desobrigada de dar proteção ao idoso.

Devemos, pois, reconhecer, que o Asilo é tachado como um lugar de abandono de idosos, sendo temido e repudiado pela maioria dos idosos, já que nenhum idosos gostaria de viver distante de seus familiares. No entanto, sabemos que devido ao abandono e marginalização do idoso, as casas de abrigos ao idoso é um mal necessário. Existindo aqueles que são fundamentais à comunidade, pois, promovem o bem estar social e ajudam a amenizar o problema do abandono idoso e sabemos que entidades sérias que cuidam muito bem do idoso, mas não há como essas instituições oferecer a afetividade que uma família poderia oferecer.

Ressalta-se que muitas casas de asilo não abrigam somente idosos, mas também pessoas com problemas de saúde, muitas vezes deficientes mentais, pessoas que não tem como se prover ou quem as provenham, não possuem mais condições de, ou se cuidarem sozinhas, ou mesmo de serem cuidadas, fazendo desses lares um “depósito” de doentes, não seguindo as normas do Estatuto do Idoso referente ao tratamento ao idoso, negligenciando artigos imprescindíveis, como, por exemplo, o art. 2º.:

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Já o art. 4º, apregoa que “nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei”, configurando, pois, que toda a teoria que cuida da proteção do idoso está clara e evidente, mas sua prática e a necessária conscientização da comunidade são aspectos falhos que impedem as leis de cumprirem seu papel.

2. A linguagem do idoso

Tendo em vista a necessidade de se coletar as narrativas do idoso para a realização deste projeto, necessário se fez buscarmos embasamento sobre a linguagem do idoso. Para isso fundamentamo-nos, sobretudo em Preti (1991).

Na visão desse autor, o idoso apresenta vários problemas de continuidade em sua fala devido a sua condição física já enfraquecida pelo tempo, e pelas próprias condições sociais, pela forma que a sociedade o vê. Sua linguagem é caracterizada pela presença marcante do passado, sendo encarada com tamanha intensidade que, muitas vezes, tamanha é a emoção ao trazer à tona suas memórias que estas não permitem ao idoso distribuí-la corretamente no decorrer de sua explanação.

Dessa forma, a fala do idoso fica marcada por dificuldades, não seguindo a fluência de uma conversa normal, na qual acontece a passagem de um tópico a outro com naturalidade. Claro que, não é sempre que tal fato ocorre na linguagem do idoso, contudo, quando acontece, pede do interlocutor uma atenção redobrada, já que o discurso descontínuo prejudica a sua compreensão.

Logo, podemos afirmar que o entendimento do discurso depende principalmente da atenção do ouvinte e de sua pré-disposição a compreender pacientemente o que está sendo dito, pois da fala do idoso temos uma confusa organização de tópicos, os quais acabam por atropelar uns aos outros, sem ordem cronológica ou mesmo pausa, podendo, ainda, interromper-se sem motivo aparente. Muitas vezes, basta um simples esclarecimento referente a um assunto mencionado para o foco da conversa ser completamente desviado e, ainda, não ser mais retornado.

Ressalta-se que o esclarecimento de algum fato narrado pode causar uma ruptura completa no tema abordado, podendo, inclusive, formar um tópico inteiramente distinto do anterior. É importante destacar que na maioria dos idosos o problema encontrado na fluência da fala decorre da lentidão que muitos possuem em absorver e refletir sobre as informações que chegam a eles, fato acrescido da insegurança manifestada através de constantes autocorreções, nos lapsos memoriais, pois se sentem inferiores aos demais, por serem velhos, desvalorizados por sua sociedade, não tendo, para esta, mais função em sua existência. Assim, ao conversarem com outras pessoas, não são todas que se dedicam a ouvi-los, o que é perceptível por eles. Logo, os lapsos de memória se delongam por um período mais acentuado, as repetições acontecem com mais frequência, o que provoca um inconformismo no idoso com toda a situação, tendo em vista que não pode evitá-la, é algo além de seu controle. Nesse pensamento, Dino Preti (1991), autor do livro *A Linguagem dos Idosos*, afirma que

[...] um excesso de pausas marca um ritmo construído aos arrancos. Breves



segmentos são ditos rapidamente, perdem sua força ao final e a voz, não raro, torna-se ininteligível, dando ao ouvinte a impressão de cansaço. As freqüentes indecisões, gaguejamentos, adendos, correções, retomadas e repetições [...] transmitem a sensação de insegurança, que parece ser a marca mais característica da fala dos ‘idosos velhos’. (PRETI, 1991, p. 41).

Em sendo assim, com os problemas acima apontados por Dino Preti, observamos que as indecisões, gaguejamentos, adendos, correções, retomadas e repetições tornam o discurso superficial, com informações leves de serem absorvidas, facilitando, pois, a compreensão do ouvinte.

Destarte, a fluência da linguagem do idoso deve ser analisada sob uma ótica de vários fatores que a constituem, já que existem diversos fatores responsáveis pelo problema de continuidade encontrado em sua fala. Insta salientar que, no que tange a fala do velho e a do jovem, podemos encontrar algumas características básicas de diferenciação, como, por exemplo, na linguagem dos jovens não há toda a insegurança que observamos na dos idosos, ela flui com naturalidade, sem medos ou preocupações. Já nos idosos encontramos os problemas de memória, seu receio social, sua estigmatização, o que lhes acomete de inseguranças que se manifestam principalmente na fala.

Contudo, não podemos negligenciar o fato de que os processos de repetição, autocorreções, e todos os demais já apresentados que interferem no discurso do idoso, de alguma maneira, acabam se tornando mecanismos que auxiliam a sustentação e andamento do diálogo deles, impulsionando o assunto a prosseguir.

2.1. Contação de histórias

A priori, é importante salientar que, seguindo o conceito de Lucila de Almeida Neves Delgado,

[...] a história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiem pesquisas ou formam acervos de centros de documentos e de pesquisa. (2006, p. 18).

Dessa feita, o idoso possui a forte característica de “contador de histórias”, ou seja, se vale dos procedimentos que cercam a história oral, devido, pois, a tendência a falar muito. Ele então acumula e repassa informações ao longo dos anos, resgatando lembranças de seu passado, confrontando-o e medindo valores com acontecimentos do presente, sendo um verdadeiro narrador. Portanto, interessante é observar o pensamento de Ecléa Bosi, a qual afirma que

O narrador está sempre ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz; Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim, transforma o narrador sua matéria, a vida humana. [...] O narrador um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.

Nesse sentido, explica Dino Preti, que “o ‘seu tempo’ para o idoso, isto é, o tempo de sua juventude, parece-lhe sempre melhor do que a realidade em que vive”. (PRETI, p. 106)

Portanto, o idoso apresenta com seus discursos interessantes narrativas que vão lhes valorizando a cada frase, fazem, assim, “desfilar” inúmeros acontecimentos, tais como fatos públicos marcantes que presenciaram, festas importantes que foram, episódios familiares tristes e engraçados, enfim, histórias que podem referir-se há mais de 50 anos. Em sendo assim, de acordo com Lucila de Almeida Neves Delgado, “as histórias de vida são fontes primorosas na reconstituição de ambientes, mentalidades de época, modos de vida e costumes de diferentes naturezas. Enfim, podem captar com detalhamento o que pode ser denominado como ‘substrato de um tempo’” (DELGADO, 2006, p. 22).

Faz-se importante ressaltar que os idosos vão se aperfeiçoando de forma tão grande como contadores de histórias que ultrapassam os limites do tempo, acabam, assim, por “moldar-se” àqueles a quem contam suas peripécias, conforme aduz Dino Preti,

Quando interagem com os mais jovens, os falantes idosos costumam empregar uma estratégia sutil em seu discurso: ora se autovalorizam pela oposição de valores passados aos do presente, com vantagem para os primeiros [...], ora tentam neutralizar a ameaça à sua face, procurando identificar seus valores com os dos ouvintes mais moços. (1991, p. 110).

Dessa forma, o autor das histórias as narra com o intuito de aqueles que estiverem escutando de fato, se interessem pelos episódios narrados. Assim, vai expondo os fatos da forma que desejaria que tivessem acontecido, ou que melhor soar interessante aos ouvidos alheios. Por essa razão é importante sempre ter em mente que a participação direta em cada história contada não significa que esta seja, realmente, verídica.

Assim sendo, por mais avançada que seja a idade do idoso, e por mais jovial que seja a pessoa a quem esse conta suas histórias, seu discurso não irá se diferenciar muito da fala das outras faixas etárias, despertando o interesse destas, já que suas narrativas denota o quanto a vida dos velhos foi significativa, o quanto, de fato contribuíram. Logo, com todos os diálogos desenvolvidos, percebe-se a forte ligação dos idosos com o passado, e a forma que buscam, em sua memória, fatos que lhes aconteceram, “acumulando uma preciosa documentação da longa ‘viagem no tempo’ a que costumam entregar-se durante a conversação”. (PRETI, 1991, p. 121).

3. A importância da Universidade no âmbito social

Espera-se que cursos com fundamentos humanistas, como Direito, Pedagogia e Ciências Sociais, sejam capazes de formar profissionais aptos a lidar com as demandas sociais e isso presume atitudes humanistas, de profissionais éticos, sensíveis às necessidades dos outros, que atendam à comunidade de forma satisfatória. Logo, esses cursos devem formar, acima de tudo, seres humanos que se preocupam com outros seres humanos, com os problemas sociais.

Mas o que ocorre é que a graduação nem sempre forma o acadêmico para ter tal atitude, e sim tenta moldar tecnicistas, atentos estritamente a roupagem mecânica de seus cursos e profissões, esquecendo que lidam com pessoas, e que tem que buscar a melhor forma de atentar à coletividade.

Dessa forma, é de suma importância desenvolver projetos como o aqui tratado, que procuram apontar as questões humanitárias da comunidade, e elevar aqueles cidadãos, como o idoso, que são flagelados devido a falta de conhecimento da população sobre sua verdadeira condição do idoso, esquecendo os próprios preceitos de nossa Constituição Federal ao afirmar que todos somos iguais.

Por essa razão, é importantíssimo conscientizar a população sobre os direitos dos



idosos e de sua importância social. Devemos levar a população a refletir sobre a contribuição que esses indivíduos já deram à nossa sociedade, já que se espera dos acadêmicos do Direito formação de caráter crítico e humano.

Logo, faz-se pertinente o apoio e incentivo pelas universidades a projetos que busquem enfatizar a parte humana da comunidade, trabalhando com os acadêmicos princípios como o a dignidade, o bem estar coletivo dentre inúmeros outros que se desenvolvem na primazia de levá-los aos idosos, e, assim, mostrar-lhes os direitos que possuem e seu grande valor perante à sociedade.

4. O projeto em sua execução

Com o decorrer do projeto explanado, algumas histórias já foram coletadas e, em cada uma, temos culturas diferentes, histórias completamente distintas, alegrias, sofrimentos. Por exemplo, em uma das narrativas coletadas, temos a história de vida do Sr. Antônio, o qual nos conta um pouco desta e de sua clara visão sobre o casamento:

Tenho 2 filhos, o mais velho está com 45 anos, tem uma mulher boa, casa arrumada, fui vivendo a vida... Meus filhos que casaram tão tudo bem, tem suas casas, motos, carros... A pessoa tem que saber viver a vida, logo começa a descombinar com a mulher, não pode. Tem que tê fartura, feijão, arroz, e assim a gente vai levando, até hoje não tenho do que reclamar. Casei, vivi bem. Agora os rapais de hoje tem muitos que casa e daqui um pouco separa, não pode. Os homens de hoje são poucos os que têm vergonha na cara, as moça tão avançada. Tem que achar um rapaz bom e levar a vida bem. Agora quando casa e a não dá certo, aí complica. Ma é bom, Deus faz o mundo, cria a gente, e é isso... Faz 20 anos que sai da Bahia, nasci em Juazeiro, de lá fui pro Ceará, e depois pra cá. Mas é, a gente sabendo viver a vida é boa [...] Lá na Bahia é bom, não tem essas lavouras que tem pra cá, que cabô com o mato.

Já outros nos contam sua história de vida e a paisagem local da cidade em seu tempo, como é o caso do Sr. João, que nos conta o seguinte:

Sou de Ponta Porã, mas fui criado aqui mesmo, conheci isso aqui tudo mato. Depois de Ponta Porã, fomos para Minas, depois pra cá, era tudo mato bravo, nem estrada tinha, pra chegá em Cassilândia dava um trabalho, pra Minas então, ia uns 3 dias. Até no porto era pura mata, mata verde, bem boa. Tô velho pra caramba [...] Aqui era terra de primeira, o povo que cuidou mal, o povo mesmo era mal. Agora que o povo está melhorando, Paranaíba ficou bom em vista do que era.

Existem também aqueles que nos contam episódios descontínuos de sua vida, mas, ainda assim, repletos de riquezas.

Lá no interior, trabalhei com um véi, esse véi tinha parte com o bixo, largo os filho tudo rico, os neto... As fazendas tem 13 mil hectar paulista, tem boi, vaca demais. Nós trabalhava com boi gordo. A gente ia pra cidade de vez em quando. Mas trabalhei mesmo com meu irmão, ajudava ele, ele era pintor. Trabalhávamos perto de Franca, a cidade do calçado. Tinha o Geromim, que a gente devia pra ele, ele foi cobrá um dia, num minuto que saí, voltou e matou meu irmão. Aí me contaram, “ó, o Geromim matou teu irmão com um revólver 38”, aí foi uma briga só, foram atrás desse Geromim, quebraram, perna, braço, tudo. Mas está solto até hoje.

Existem sempre aqueles com certa apreensão na conversas, sendo mais reservados, que se abrem pouco, tendo um pouco de dificuldade para se expressar, sendo o máximo que conseguimos respostas curtas, como, por exemplo, que trabalhavam em uma fazenda, que se

casaram, ou então que nunca contraíram matrimônio, se tiveram ou não filhos, dentre outras pequenas informações.

Todavia, existem aqueles que nos contam praticamente sua história completa, como acontece no caso do Sr. Miguel, o qual nos relata que tem quatro filhos, foi casado durante 36 anos, está no asilo há 3 anos. Nasceu em Pereira Barreto, aos 12 anos trabalhava em Minas, em uma fazenda, mudou-se para Paranaíba aos 18 anos. Gostava de tocar violão, sanfona, no Carnaval tocava em salões. Conta-nos que trabalhava com um homem, cujo nome é Gaúcho. Relata-nos que o Carnaval ocorria num “salãozão”, que ele [o gaúcho] era dono do salão, do bar. Tinha uma caixa de som grande, então até meia noite eles tocavam sem parar, ele e o sogro. Ele tocava sanfona, e o sogro dele o violão. Tocava também em um prostíbulo em Santa Fé, conhecido como “Zona da Maria”. Possuía uma arma, como era costume em seu tempo de juventude, mas que a vendeu por medo de que a polícia o pegasse: “Eu tinha um ‘revorvão’. Fiquei com um medo da polícia me tomá, naquela época. Mas aí vendi lá em Paraíso, vendi por 200 reais. Mas valia uns 600 reais, vendi só por medo da polícia me tomá. Mas acabou que não deu busca nenhuma em mim.”

Ele nos relata ainda que foi enganado pela nora, pois emprestou-lhe dinheiro e ela não lhe devolveu, alegando não ter condições para isso; que devido a um problema na próstata, passou meses se tratando em Barretos até concluir o tratamento. "Seu Miguel", como é conhecido no Asilo, nos conta até a história inicial do Asilo Santo Agostinho, que, segundo ele, era uma casinha de tábua cercada por arames, no meio do nada.

Há, ainda, aquelas tristes histórias comoventes, repletas de tragédias e dramas familiares, como os que acometeram Ana Ferreira de Oliveira, 35 anos, que, apesar de não ser idosa, reside no asilo devido a ser o único lugar na cidade capaz de zelar por sua saúde. Nascida em Minas Gerais, onde morava na área rural com seus pais. Ana não teve o privilégio de estudar durante sua adolescência, nem tempo para brincar, pois trabalhava na roça junto com os pais. Casou-se aos 18 anos e foi morar em outra fazenda com seu esposo, que a espancava muito. Moraram em uma fazenda na Vila Raimundo, no município de Paranaíba-MS, durante 4 anos, até ser agredida por seu esposo com um forte golpe na cabeça – ressalta-se que Ana estava grávida. Da pancada, Ana tivera graves sequelas, o que afetou sua sanidade mental.

Contudo, mesmo em severas condições, quando teve seu filho, separou-se do marido e foi morar nesta cidade de Paranaíba-MS na casa de conhecidos. Seu ex-marido se aproveitou da situação e levou seu filho para Goiás. No entanto, reclamou a guarda do filho na justiça, já que o pai não era exemplo para educar uma criança, então ele trouxe o menino de volta e entregou aos padrinhos, os quais ainda residem na Vila Raimundo. Atualmente, o filho de Ana está com 15 anos de idade, e sempre vai visitar a mãe no Asilo. Inicialmente, devido ao golpe na cabeça, Ana teve que ser internada no hospital psiquiátrico para receber tratamento, onde permaneceu durante 2 anos. Com isso, o oficial de justiça a encaminhou para o Asilo Santo Agostinho, local que oferecia melhores condições para Ana residir, ser medicada e acompanhada. Hoje, ela fica feliz a cada visita que recebe de seu filho juntamente com os padrinhos. Insta salientar que Ana, inclusive, possui um namorado, o qual também reside no Asilo, levando os dois uma vida amorosa como qualquer outra.

Dessa forma, notamos que, de uma entrevista a outra, de histórias e causos, lidamos com pessoas completamente distintas, que possuem sentimentos, expressões, alegrias, tristezas, todos de forma muito singular. Em sendo assim, fazem com que reflitamos sobre sua forma de agir, que procuremos dar uma abordagem distinta a cada um, para que seja possível extrair o máximo de informação possível.



Considerações finais

Atualmente, poucas são as pessoas dispostas a trabalhar com idosos, que se dispõem a compreendê-los, tratá-los com paciência e afeto. Eles precisam de carinho e atenção, pois vivem em uma sociedade que os exclui e ignora, não lhes dão o devido valor, esquecem que eles já doaram uma vida de trabalho, de afeto, de verdadeira e significantes contribuições, sendo extremamente úteis à sociedade.

Entretanto, nossa atual sociedade insiste em agir e age como se o idoso não fosse parte de sua estrutura, ou então os apartam, colocando-os de lado, e simplesmente fecham os olhos para a triste e degradante realidade que vivemos.

Em sendo assim, com as coletas de histórias de vida dos internos do Asilo Santo Agostinho, pudemos observar a diversificação de suas narrativas, as quais são marcadas pela singularidade de cada um.

Dessa forma, podemos concordar com Deusivania Vieira da Silva Falcão e Ludgleydson Fernandes de Araújo, (2009, p. 120), autores do livro *Psicologia do Envelhecimento*, os quais aduzem que

[...] o envelhecimento se caracteriza, portanto, como um tempo de exposição a acontecimentos da vida e a transições, mas também como um tempo de implementação de estratégias de confrontação e de resolução de desafios, a partir das oportunidades e do potencial adaptativo que cada idoso possui.

A citação acima reflete claramente o trabalho realizado no Asilo Santo Agostinho, já que nos remete aos diversos tempos da história, às vidas de tantos internos e toda a sua rica diversidade de narrativas, sempre com inúmeros causos e aventuras, mostrando-nos que cada um deles possui seu valor, que devem ser tratados como cidadãos, com sentimentos, respeito, sempre respeitando sua diversificação.

Em síntese, o idoso merece ser respeitado, nosso carinho e compreensão. Destarte, podemos observar, pelos relatos captados, a importância que todos no Asilo Santo Agostinho tiveram na sociedade, e que, logicamente, ainda possuem. Ficam ainda evidente as mudanças sociais de uma época para outra, os lugares distintos que cada um ocupou no passado, enfim, pudemos verificar as mudanças sócio-históricas transcorridas no decorrer dos tempos e o lugar que o idoso ocupa na sociedade, devendo este ser tratado com total dignidade, não havendo motivo para seu flagelo social.

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo; Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Estatuto do idoso. Brasília, 2003.

DELGADO, L. de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. São Paulo: Autêntica, 2006.

HADAD, E. G. M. *A ideologia da velhice*. São Paulo. Cortez, 1986.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação*. São Paulo; Contexto, 1991.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. *Idoso, família e cultura: um estudo sobre a construção do papel do cuidador*. Campinas. São Paulo: Editora Alínea, 2006.